

Olhares negros de bell hooks e o chamado para novos olhares

RESUMO

Camila Gaidarji

cgaidarji@gmail.com

Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), Curitiba, Paraná, Brasil.

O objetivo desta resenha é fazer uma apresentação do livro Olhares Negros, da ativista norte-americana bell hooks. Trata-se de um diálogo entre este livro e a produção recente de Angela Davis, Djamilla Ribeiro, Lélia González, Patrícia Hill Collins e Audre Lorde.

PALAVRAS-CHAVE: Comunicação. Feminismo. bell hooks.

bell hooks, em seu livro *Olhares Negros*, aborda a negritude, a subjetividade de pessoas negras e a branquitude, como um sistema racial de supremacia branca. A autora questiona e investiga as narrativas culturais do ponto de vista da negritude e até de outros grupos que sofrem com a discriminação, como a comunidade amarela.

Desde o início do livro, bell hooks pontua que a narrativa atua como a representação imagética e está associada ao poder e as estruturas raciais e sexuais da sociedade. A questão da autodefinição e a descolonização do olhar são os nortes em sua pesquisa: é a partir de uma perspectiva radical de mudança social e empoderamento coletivo que sua obra busca desafiar noções racistas e misóginas tão intrínsecas na construção de nosso olhar, nos encontramos de frente com diversas questões de vida repensadas.

É por meio de investigações de diversos contextos culturais que a autora escreve sua obra - começando pelo tratamento da negritude como resistência política, passando pelas representações da sexualidade da mulher negra no mercado cultural e pelo protagonismo de mulheres negras militantes radicais, bell hooks resgata histórias de mulheres revolucionárias, como Angela Davis e Audre Lorde.

A autora analisa o percurso e produção intelectual dessas autoras negras, que muitas vezes tiveram seu legado apropriado ou distorcido por preconceitos quanto às mudanças que elas propunham. Ao mesmo tempo, aponta as armadilhas e desafios de se pensar criticamente a representação da sexualidade da mulher negra na mídia, ao analisar a relevância de figuras como Naomi Campbell e Tina Turner na criação de um imaginário objetificado e hipersexualizado.

A partir daí, delimita o desafio feminista de solidariedade entre mulheres e, especificamente, mulheres negras, mostrando como os estereótipos de “barraqueiras” e a tradição do martírio e masoquismo feminino impactam as relações entre as próprias mulheres e como o direcionamento da raiva ainda é focado entre as iguais e estimulado pela cultura.

Em *Olhares Negros*, a escritora bell hooks também aborda sobre a desconstrução da masculinidade, sempre atenta aos mecanismos do discurso racista dentro da luta feminista e das posições misóginas dentro do movimento negro; ela exige um comprometimento com o combate unificado entre todas as formas de opressão. O livro evidencia a todo momento que a manutenção do patriarcado supremacista branco necessita de narrativas culturais que justifiquem essa opressão e de forma atenta ela analisa como esses discursos são criados e propagados por produtos da cultura da mídia.

A autora analisa a celebração da negritude nos filmes de Oscar Micheaux, a postura de “amante da casa grande” de Madonna e tece uma crítica precisa sobre as intersecções entre misoginia e racismo presentes na cultura drag e no aclamado *Paris is Burning*. bell hooks, a todo momento, expõe a necessidade da incorporação do antirracismo na luta feminista e elabora o conceito de olhar diferenciado que mulheres negras desenvolveram ao analisar a imagem em movimento, o “olhar opositor”.

Esse olhar diferenciado se relaciona de forma muito intensa com a linha do feminismo interseccional, em que é preciso entender que as pauta não são as mesmas entre todas as mulheres; é preciso entender os diferentes tipos de

atravessamentos que uma mulher negra tem em sua vida, os diferentes preconceitos e estereótipos, que são completamente diferentes do que uma mulher branca sofre. Esse tema, o feminismo interseccional, foi ponto principal da autora Angela Davis em seu livro *Mulheres, raça e classe*, que estuda o movimento sufragista desde o começo nos Estados Unidos.

Nesse estudo, Davis mostra como as vivências são opostas para mulheres negras e brancas e que é necessário hierarquizar problemas, pois enquanto mulheres brancas estavam lutando para ter a liberdade de trabalhar, as mulheres negras já haviam sido escravizadas e trabalhavam arduamente sem nenhuma consideração. A autora comenta: “Meu objetivo sempre foi encontrar pontos entre as ideias e derrubar os muros. E os muros derrubados se transformam em pontes”. É a partir de pontes que os benefícios das lutas se estendem a todas, pois o feminismo é luta coletiva, e como Audre Lorde disse: “Eu não sou livre enquanto alguma mulher não o for, mesmo que as correntes dela forem muito diferentes das minhas”. Luta que não é coletiva é apenas mais um forma de opressão.

Duas autoras negras contribuem escrevendo sobre esse ponto: Djamilla Ribeiro e Patrícia Hill Collins. Elas nos colocam de frente com a importância do lugar de fala e do fato de a mulher negra ser afastada pela sociedade e pelas próprias mulheres (agora brancas) de lugares sociais e de produção na luta feminista, respectivamente.

Djamilla nos leva a questionar nossa existência e olhares não só como pessoas mas como sujeitos políticos. Nos faz perceber que precisamos saber quem somos, de onde viemos e onde estamos socialmente e culturalmente inseridos, não só para questionarmos o status quo, mas para fazermos mudanças significativas na sociedade. Precisamos entender o nosso lugar de fala para pensarmos e repensarmos as estruturas sociais e, quem sabe, construirmos em conjunto uma sociedade mais igualitária.

Pois somos completamente responsáveis pelo cenário atual, pelas teorias de mulheres negras não serem tão conhecidas e lidas como as teorias de mulheres brancas e nem preciso comentar sobre a diferença de valor em relação a homens brancos. O que se relaciona de maneira direta com o texto da Patrícia Hill Collins, que expõe o "status de outsider within" que as mulheres negras são empurradas, pois não apenas a sociedade, mas principalmente as mulheres com privilégios a mais, tem essa responsabilidade de colocar a mulher negra à margem em diversas vivências.

E uma dessas vivências é a produção acadêmica, que a autora Angela Davis comenta, na sua vinda ao Brasil, sobre e ainda fez referência à uma autora brasileira, Lélia Gonzales:

[...] Quem possui o privilégio social, possui o privilégio epistêmico, uma vez que o modelo valorizado e universal é o branco. A consequência dessa hierarquização legitimou como superior a explicação epistemológica eurocêntrica conferindo ao pensamento moderno ocidental a exclusividade do que seria conhecimento válido, estruturando-o como dominante e assim inviabilizando outras experiências do conhecimento.

Novamente vemos o livro *Olhares Negros* se encontrando com tantas autoras, denunciando o poder das narrativas: de vivência, de privilégios, de arte, de cultura,

de ensino, de trabalho, de prazeres. O livro também sugere que o regime de representação do cinema hollywoodiano e na televisão — que ativamente excluiu, silenciou e estereotipou a realidade, a biologia e as histórias de mulheres negras — foi responsável pela criação de um olhar diferenciado em suas espectadoras negras, que resistiam às narrativas clássicas com postura crítica.

Esse olhar, que é oposto porque é invisível, se desenvolve na impossibilidade do reconhecimento nas imagens e narrativas, hierarquizadas nas experiências dos homens brancos e no estereótipo de mulher representada por mulheres brancas.

O não-lugar dessas espectadoras negras forçava, ao mesmo tempo que favorecia, uma abordagem crítica meticulosa das estruturas apresentadas. Em seu texto “Olhares Negros”, bell hooks propõe uma intervenção radical na forma que falamos sobre raça e representação, desafiando cada aspecto da iconografia masculina supremacista branca. “Raça e Representação”, ao abordar uma rica variedade cultural em sua análise, é um compilado profundo sobre como a ideologia e a prática da escravidão moldou culturalmente o olhar social, e expõe como a manifestação dessa visão de mundo do patriarcado supremacista branco pode ser percebida nas mais diversas manifestações e produtos culturais – quando analisados criticamente.

Por fim, bell hooks ressalta em “Olhares Negros” como os discursos transformadores produzidos por pessoas negras que desafiaram as estruturas racistas foram capazes de resistir e fortalecer o caminho para uma atitude crítica revolucionária, e nesse trabalho podemos ver como as mulheres negras sempre lutarem por esse lugar, mesmo quando empurradas à margem, criaram seus diversos movimentos, suas teorias, não deixam seu lugar de fala ser esquecido.

É dele que hoje absorvemos e aprendemos como atuar na luta antirracista, como Davis, bell hooks, Djamilia, Audre Lorde, Patrícia Hill Collins e tantas outras autoras foram capazes de desvendar as estruturas da nossa sociedade e propor a consciência coletiva de maneira tão didática e coletiva.

Um dos pontos que se destaca no livro é como essas narrativas têm o poder influenciar o olhar do negro sobre si próprio, construindo uma imagem, mas também um lugar de pertencimento com o que é negativo, marginal, agressivo, hiperssexualizado e tantos outros estereótipos que a sociedade criou com base em pré conceitos. Subverter esse lugar e esse entendimento de que não se é destinado a coisas ruins é uma desconstrução dolorosa de anos de construção pelos outros.

REFERÊNCIAS

COLLINS. Patrícia Hills. Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/se/v31n1/0102-6992-se-31-01-00099.pdf>

_____. Feminismo negro e a política do empoderamento [LEGENDADO]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3xOO50dr3bk>

DAVIS, Angela. Mulheres, raça e classe. São Paulo: Boitempo, 2016. Disponível em: <https://libgen.lc/ads.php?md5=d0f66addb1407f43f8c2b38151c3bc44>

HOOKS, bell. Olhares negros. São Paulo: Elefante, 2019. Disponível em: <https://libgen.lc/ads.php?md5=423cd1752d198ee51e16d4718ff635d4>

RIBEIRO, Djamila. O que é lugar de fala. Belo Horizonte: Letramento, 2017.

Recebido: 12 mai. 2021.

Aprovado: 20 ago. 2021.

DOI: 10.3895/rde.v12n20.14243

Como citar:

GAIDARJI, C. Olhares negros de bell hooks e o chamado para novos olhares. R. Dito Efeito, Curitiba, v. 12, n. 20, p. 102-106, jan./jun. 2021. Disponível em: <<https://periodicos.utfpr.edu.br/de>>. Acesso em: XXX.

Direito autoral: Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.

